

ARTIGO

O “MENINO NEGRO” DA FOTO:

a produção de sentidos nos comentários dos leitores do *El País*¹

Copyright © 2019
SBPjor / Associação
Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo

THAÍS FURTADO

Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre – RS, Brasil
ORCID: 0000-0001-9474-1800

JULIANA DORETTO

Universidade de São Paulo, São Paulo – SP, Brasil
ORCID: 0000-0003-3078-2165

DOI: 10.25200/BJR.v15n1.2019.1149

RESUMO – A imagem publicada pelo fotógrafo Lucas Landau em sua página no *Facebook*, mostrando um menino negro, sem camisa, vendo a queima de fogos no réveillon de Copacabana, causou polêmica nas redes sociais, com diferentes interpretações sobre a fotografia e a criança retratada. O jornal espanhol *El País*, em sua versão brasileira, produziu dois textos sobre o assunto, os quais, por sua vez, também geraram vários comentários de usuários da rede *Facebook*, no perfil da publicação. Por meio da análise do discurso de linha francesa, este artigo analisa essas manifestações, que exprimem a recepção dos textos do *El País*. O objetivo foi compreender as percepções sociais da concepção contemporânea de infância, por meio das reações dos comentaristas. Pelo estudo, percebe-se que o garoto tem sua individualidade suprimida e se torna “palco” para discussões sociopolíticas. Isso reflete o que se tem visto de forma geral nas representações da infância no jornalismo: o papel das crianças como atores sociais ativos é ignorado, e elas são mostradas somente como seres tutelados.

Palavras-chave: Infância. Jornalismo. Participação do leitor. Recepção. Análise do discurso.

**THE “YOUNG BLACK MAN” IN THE PHOTO:
the production of meaning in reader comments from the *El País* newspaper**

ABSTRACT – The image of a shirtless black child in Copacabana watching the New Year’s Eve fireworks, published by photographer Lucas Landau on his *Facebook* page, was a focus of controversy across social media and produced a number of different interpretations about both the photograph and the boy in it. The Brazilian edition of the Spanish newspaper *El País* produced two texts on the subject, both of which brought about varying comments from Facebook users. Using the French discourse analysis as a basis, this article analyzes

interpretations expressed about the texts published in *El País*. The goal was to understand social perceptions of the current conception of childhood by analyzing the reactions conveyed in the comments. Our research showed us that the kid's individuality goes undisclosed and he becomes a platform for sociopolitical discussions. This is quite common in journalism and how it represents contemporary childhood: the role of children as active social actors is disregarded, and they are simply portrayed as being in need of protection.

Key words: Childhood. Journalism. Participation of the reader. Reception. Discourse analysis.

EL “NIÑO NEGRO” DE LA FOTO: la producción de sentidos en los comentarios de los lectores de *El País*

RESUMEN – La imagen publicada por el fotógrafo Lucas Landau en su página del *Facebook*, mostrando a un niño negro, sin camisa, viendo la quema de fuegos en el año nuevo, en Copacabana, causó polémica en las redes sociales, con diferentes interpretaciones sobre la fotografía y el niño retratado. El diario español *El País*, en su versión brasileña, produjo dos textos sobre el tema, los cuales, a su vez, también generaron varios comentarios de usuarios de la red *Facebook*, en el perfil de la publicación. Este artículo hace un análisis de esas manifestaciones, que expresan la recepción de los textos de *El País*, por medio del análisis del discurso de línea francesa. El objetivo fue comprender percepciones sociales de la concepción contemporánea de la infancia, por medio de las reacciones de los comentaristas. Por medio del estudio, se percibe que el chico tiene su individualidad suprimida y se convierte en “escenario” para discusiones sociopolíticas. Esto refleja lo que se ha visto de forma general en las representaciones de la infancia contemporánea en el periodismo: el papel de los niños como actores sociales activos es ignorado, y ellas son mostradas sólo como seres tutelados.

Palabras clave: Infancia. Periodismo. Participación del lector. Recepción. Análisis del discurso.

1 A foto do menino negro

Nas manhãs do primeiro dia do ano, telejornais e portais de notícia costumam compartilhar imagens parecidas: no céu escurecido, raios de luzes de diferentes cores desenham formatos circulares, envoltos em fumaça. São as queimas de fogos de artifício, que marcam a entrada do novo ciclo, num ritual que se repete em várias partes do globo terrestre. No Brasil, as luzes que colorem o céu da orla da praia de Copacabana, no Rio de Janeiro, ganham títulos como os de “maior festa do planeta”², “tradicional festa de Réveillon”³ e “queima de fogos mais tradicional do Brasil”⁴. Em 2018, no entanto, as imagens do mar carioca iluminado pelos explosivos dividiram espaço com outra, em que as luzes não eram o destaque, mas iluminavam a cena captada: um instante registrado com uma câmera fotográfica voltada para o lado oposto ao dos

fogos, direcionada para a multidão que comemorava a chegada da meia-noite nas areias da praia.

Lucas Landau, fotógrafo carioca, que cobria o evento para a agência de notícias *Reuters*, postou em seu perfil na rede social *Facebook*⁵, na madrugada do dia 31 para o 1º, uma das fotos realizadas durante o trabalho, retratando um menino negro, sem camisa, de semblante admirado, olhando para os fogos. Em segundo plano, pessoas vestidas de branco comemoram a passagem do ano. Junto dessa imagem, acima dela, há outra, em que o menino aparece de costas, em segundo plano (Fig. 1). Mas foi apenas a primeira que conseguiu grande repercussão: mais de 33 mil reações de usuários da rede (traduzidas nos botões “curtidas”; “amei”; “uau” etc.) e mais de 8 mil compartilhamentos⁶. Nesse processo, Landau acrescentou um texto à foto, em que diz⁷: “eu estava a trabalho fotografando as pessoas assistindo aos fogos [...]. ele estava lá, como outras pessoas, encantado. perguntei a idade (9) e o nome, mas não ouvi por causa do barulho. [...] existe uma verdade, mas nem eu sei qual é. me avisem se descobrirem quem é o menino [...]”

Figura 1 – Postagem de Lucas Landau; abaixo, a foto que mais repercutiu



Fonte: Facebook (reprodução).

Esse movimento das redes chamou a atenção de veículos jornalísticos brasileiros, como *Correio Braziliense*⁸ (jornal), *UOL*⁹ (site), *Exame*¹⁰ (revista); e até o diário norte-americano *The Washington Post*¹¹ publicou sobre o evento. Outro periódico que reportou o acontecimento foi a versão nacional (e eletrônica) do jornal espanhol *El País*¹². Em 3 de janeiro, veio o texto intitulado “A foto do menino negro que fala de como vemos um menino negro”¹³, cujo subtítulo foi “Imagem de criança observando fogos no réveillon de Copacabana levanta debate”, também veiculado na página do jornal no *Facebook*. O trabalho, assinado por María Martín, reproduz a fala de Landau que acompanhou a postagem da foto em seu perfil no *Facebook*, mas traz um ângulo pouco abordado nas demais coberturas do tema: além de apresentar as diferentes interpretações que a foto originou em comentários das redes sociais, envolvendo, sobretudo, desigualdade social e racismo, o texto discute, com várias fontes, as razões dessas perspectivas.

Assim, a reportagem destaca que essa repercussão fez lideranças do movimento negro questionarem a representação estereotipada do povo preto no imaginário da sociedade brasileira: “As pessoas que olham aquela foto estão pré-condicionadas a entender que a imagem de uma pessoa negra é associada a pobreza e abandono, quando na verdade é só uma criança negra na praia”, disse o escritor Anderson França ao *El País*. A opinião é compartilhada com Mayara Assunção, do coletivo de mulheres negras Kianda, e com Suzane Jardim, educadora e historiadora, que disse: “A questão é perceber como o corpo negro deixa de ser dotado de individualidade para se tornar um símbolo que dialoga com a culpa de pessoas que o percebem como inferior na primeira olhada”. A reportagem também ouviu Tales Ab’Saber, psicanalista, e Fernando Costa Netto, proprietário da Doc Galeria de fotojornalismo e fotografia documental, que defendem as múltiplas interpretações que a imagem proporciona: “A foto tem uma vida própria. O movimento negro se inquieta com o clichê e a redução do papel do negro e a esquerda branca – e negra – vê nessa imagem o risco da cisão social brasileira, num tempo em que isso está de volta na pauta política”, afirma Ab’Saber ao periódico. Por fim, a reportagem diz que “o fotógrafo foi criticado por expor a criança sem o consentimento dos pais e oferecer seu e-mail a quem se interessou em comprar a fotografia”. Landau nega: ‘Nada foi comercializado por mim, e nem será, sem a autorização da criança e dos responsáveis’.”

Em 10 de janeiro, o *El País* traz um novo texto: “A história

por trás da foto do menino negro de Copacabana”¹⁴, com o subtítulo “Garoto cuja imagem viralizou após o réveillon acompanhava mãe que vendia chaveiros na praia. Família mora em favela dominada pelo tráfico e chegou a prestar queixa na polícia após a divulgação”. Esse novo trabalho, mais curto e também assinado por María Martín, conta a história do menino fotografado:

[...] No dia 31 de dezembro o garoto de oito anos saiu com sua mãe da favela onde moram a caminho de uma das praias mais famosas do mundo. A família, sem pai e formada por mais três irmãos, mora num prédio ocupado e dominado pelo tráfico. Eles não percorreram os 17 quilômetros que separam sua casa da areia para curtir a festa vestidos de branco. A mãe, de 35 anos, é vendedora ambulante e, naquela noite, saiu para vender chaveiros entre os 2,5 milhões de pessoas que comemoravam o réveillon à beira da praia. Ao começarem os fogos, o pequeno se separou da mãe e foi dar um mergulho quando, em seguida, ficou absorto ao observar o espetáculo de luzes no mar. (María Martín, 2018, parágrafos 1 e 2).

Não houve nenhuma entrevista: as informações foram obtidas por meio de postagem do fotógrafo em “suas redes sociais” (contando que conheceu o garoto e sua mãe, mas dizendo que vai deixar esse encontro como um “momento privado”) e por meio da queixa que a mãe do menino registrou na delegacia de Repressão de Crimes de Informática (à qual o jornal teve acesso). Ela “acreditava que o fotógrafo estava comercializando a imagem sem seu consentimento, algo que Landau sempre negou. A polícia, de fato, não identificou nenhum crime, não haverá investigação e a denúncia ficou resumida a apenas um registro”, afirma a publicação. A reportagem acaba dizendo que “tentou conversar com a mãe, mas ela se negou. Quer proteger seu filho”. Esse texto também foi publicado no perfil do jornal no *Facebook*.

A postagem do primeiro texto nessa rede social ocorreu em 2 de janeiro de 2018¹⁵, às 19h18, e gerou, em levantamento feito por nós em 11 de janeiro (às 21h), 749 comentários. A publicação da segunda reportagem, no dia 10 de janeiro, às 18h²⁰¹⁶, provocou, até esse mesmo momento de nosso registro, 182 comentários. É sobre essas falas que este trabalho se volta, na tentativa de tentar entender que sentidos são construídos nas postagens desses usuários do *Facebook*, por meio da análise do discurso de linha francesa (AD). É importante ressaltar que não é nosso objetivo analisar a imagem da foto, embora tenhamos consciência de que ela foi a disparadora de toda a discussão que se

segiu. Entende-se que, para além das interpretações ressaltadas no primeiro texto do *El País*, a reação dos comentadores revela percepções sociais da concepção contemporânea de infância, tema ao qual estas pesquisadoras têm dedicado seus trabalhos (Furtado, 2013; Doretto, 2018).

Nossa hipótese é a de que os comentadores refletem a representação tradicional da infância que vem sendo edificada pela mídia ao longo dos anos, na qual as crianças não aparecem como atores sociais ativos, mas como seres tutelados, cuja voz é obliterada pela de seus responsáveis (sejam os pais, sejam instituições que se voltam para a infância). Propomos, então, uma reflexão sobre o tema por defendermos que crianças devem ser consideradas cidadãos com direitos de proteção, mas também de participação social (Buckingham, 2000). O próprio Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA (Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990), principal legislação sobre os direitos da infância e adolescência no Brasil, considera que todos os “menores de idade” são sujeitos de direito, ou seja, que devem participar da vida social, para além de serem alvos de proteção.

2 Crianças e o discurso interdito

Neste trabalho, partimos da afirmação de que a infância é uma construção social, edificada, segundo a perspectiva foucaultiana (1996¹⁷), por meio dos diferentes discursos que falam da(s) e para a(s) criança(s). Nesse sentido, o jornalismo é em si um dos discursos, mas também palco para a legitimação de outros, pois faz parte de um sistema que faz circular, de forma controlada, os discursos que tentam impor sua “vontade de verdade” à sociedade, ou seja, que buscam ser atestados como críveis, importantes, dignos de nota e adesão, escamoteando por vezes a concretude que representam, pois o “verdadeiro” não está ali, e, sim, no efeito produzido pelo discurso: “Suponho que em toda sociedade a produção do discurso é, ao mesmo tempo, controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade” (Foucault, 1996, p. 9).

Vale lembrar ainda que, nessa arena, o discurso da criança é um dos que tradicionalmente não ocupam espaço na luta pela

“vontade de verdade”; a criança é ser interdito, alijado do direito de fazer circular seu discurso entre outros, por ser considerado não dotado de razão plena – pelo crescimento cognitivo que se apresenta nessa fase da vida (Doretto & Costa, 2012). Foucault lembra-nos já que essa interdição discursiva foi construída na Antiguidade, mas estudos da representação da criança na imprensa mostram-nos que essa exclusão persiste, ainda que avanços tenham sido notados, sobretudo na perspectiva do discurso da criança consumidora.

A palavra proibida, em ordem decrescente, aos escravos, crianças e mulheres, determina o lugar de gestação dos discursos, lugar que por sua vez se constrói por seus interesses. Os rituais de comunicação, hierarquizando (só dirigiremos a fala ao soberano se formos interpelados, por exemplo), constroem o mesmo sistema de interdição em que se firma (legítima) o lugar de *verdade* pela proibição de outras vozes. A ideia de que todos podem e devem falar é historicamente recente: nasce com o pensamento sobre a igualdade dos homens e a ideologia que lhe seguiu. (Gomes, 2000, p. 47).

Ou seja, as crianças são tradicionalmente representadas no jornalismo não por meio de suas próprias falas, mas pelos discursos de seus pais e tutores ou de representantes de órgãos que falam sobre elas, como escolas e organizações de saúde. Essa forma de representação faz com que a criança não apareça como cidadã plena, que participa da vida social (a não ser como consumidora), mas como uma imagem dicotômica: ou é indivíduo ingênuo e puro, a ser protegido (no caso das crianças de classes mais altas), ou então um sujeito sob a responsabilidade do Estado, porque cometeu crimes (e assim teria perdido até mesmo sua condição idealizada de infante atrelada à inocência), ou porque está em situação de vulnerabilidade (com a sua condição de “ser criança” posta em risco)¹⁸.

Esse tipo de representação não dá conta do que prega a Convenção sobre os Direitos da Criança (1989), da Organização das Nações Unidas – ratificada pelo Brasil e documento-base do ECA –, que defende que a criança, para além de direitos à proteção e à provisão (de bens, materiais ou não), tem também garantias quanto à participação cidadã. O documento, fruto das lutas dos movimentos políticos em torno das questões da infância, tem sido compreendido como um registro do avanço na compreensão social da criança como sujeito de direitos, partícipe ativa do cotidiano em que está inserida.

3 O lugar da recepção

Berger (1996) compreende o discurso jornalístico pelo poder de constituir e não só descrever aquilo que está representando. “Para trabalhar o jornalismo esta perspectiva é determinante, pois deixa de reivindicar a imparcialidade ou a neutralidade na passagem do acontecido para o editado e reconhece a notícia como processo de construção de um acontecimento pela linguagem” (Berger, 1996, p. 189). No caso de um texto publicado na internet e que se dissemina pelas redes sociais, o acontecimento vai se ressignificando também pelos comentários dos leitores. Tanto é assim que no primeiro texto aqui apresentado, intitulado “A foto do menino negro que fala de como vemos um menino negro”, a autora já traz a repercussão que o acontecimento inicial – a publicação da foto por Lucas Landau – teve nas redes sociais, provocando novos sentidos sobre ele. A atividade jornalística, portanto, pode ser compreendida enquanto um processo de produção de sentido (Berger, 1996).

Assim, como já dito, por meio da análise da recepção do texto do *El País*, expressa nos comentários postados em rede social, e sob a perspectiva da análise do discurso de linha francesa, queremos identificar e compreender quais sentidos estão presentes nesses comentários, ultrapassando essas camadas aparentes da atribuição de significados dos comentadores (trabalhadas inclusive por esse primeiro texto publicado no jornal), avançando nos estudos sobre a concepção social da infância contemporânea, a partir dos discursos circulantes por meio da imprensa que dão forma ao que entendemos ser criança hoje (especialmente, nesse caso, negra e pobre).

Especificamente para a compreensão do discurso jornalístico, consideramos extremamente rica a análise do discurso, já que, assim como as análises de recepção pelo viés dos estudos culturais, a AD foge do entendimento da transmissão da informação como algo linear: emissor, mensagem, receptor, se comunicando em um processo serializado e ordenado. “Na realidade, a língua não é só um código entre outros, não há essa separação entre emissor e receptor, nem tampouco eles atuam numa sequência em que primeiro um fala e depois o outro decodifica etc.” (Orlandi, 2000, p. 21). O processo de significação se realiza o tempo todo e ao mesmo tempo.

Para isso, entendemos que não basta voltar o olhar para as falas publicadas na rede social, mas é preciso buscar compreender o circuito em que esses comentários são gerados, tendo em vista que os

receptores “são produtores de sentido e da própria história, embora não detenham controle da totalidade desse processo. [...] afinal, é o circuito da produção-consumo que chamamos de recepção” (Figaro & Grohmann, 2017, p. 156). Ou seja, os sujeitos, ao comunicarem, “negociam” os sentidos recebidos, por exemplo, por meio do jornalismo (nesse caso, pelo texto publicado pelo *El País*), aceitando o que lhes parece coerente, desconfiando de alguns significados ou rechaçando aqueles que não se alinham às suas concepções de mundo, ainda que esse processo seja sempre marcado por sentidos preferenciais (ou, retomando Foucault, aqueles que vêm conseguindo impor sua “verdade”). Para entender melhor esse processo, é importante também nos voltarmos para as condições de produção dos textos (jornalísticos) circulantes, para as matrizes tecnológicas que lhe dão forma e que permitem a sua circulação, para as matrizes culturais em que os textos são produzidos e compreendidos e para as condições em que essa interpretação, pelo leitor, é feita: ou seja, descrevemos aqui o que Martín-Barbero (2001) denomina como as mediações culturais que estruturam os processos de recepção.

Tendo em vista a impossibilidade, nos limites deste artigo, de conseguirmos nos aproximar dos sujeitos comentadores, de modo a compreender seus cotidianos, seus pontos de vista e visões de mundo, vamos então voltar o olhar brevemente para o processo de produção, buscando entender o espaço para a participação do público que vem sendo oferecido pelos veículos jornalísticos e reivindicado pelos leitores. Assim, aqui, nos guiamos pelo já citado circuito da produção-consumo, olhado a partir dos discursos dos sujeitos receptores, com especial atenção para a plataforma que permitiu sua criação e circulação.

Outra das razões para deslocar-se da recepção, como lugar a partir do qual o pesquisador se posiciona para investigar o processo comunicativo, diz respeito à dinâmica que vem sendo instituída pela própria mídia, de esmaecimento das fronteiras entre produção e recepção através do chamamento cada vez mais crescente dos receptores para participarem da esfera da produção. Assim, eles se transformam em protagonistas dos mais variados textos – dos reality shows às cartas de leitores, dos materiais jornalísticos centrados no protagonismo de sujeitos ordinários aos blogs da internet. (Escosteguy, 2009, pp. 3 – 5).

A seguir, portanto, refletiremos sobre esse espaço on-line de participação do público, que vem sendo observado na produção jornalística contemporânea.

4 O lugar dos comentários sobre o menino negro

No site da edição brasileira do *El País*, o leitor que queira emitir uma opinião sobre o texto publicado pelo jornal não vai encontrar lugar para isso. Há, no menu da página, a opção “Siga-nos em”, seguida dos ícones correspondentes às redes sociais *Twitter* e *Facebook*. Neste último caso, que nos interessa neste estudo, 913 mil usuários (ou contas) “curtiram” a página do jornal, o que significa que eles verão circular *links* com notícias do jornal em suas visitas à rede social – caso o algoritmo da rede social, que determina o aparecimento de *posts* publicados por outrem em suas páginas pessoais, permita. Nessas postagens, o *Facebook* deixa que usuários possam “comentar” o que leram ou viram, e é nesse lugar virtual onde falamos os comentadores cujos discursos analisamos neste texto.

Carpentier (2012) defende que se diferencie a participação do simples acesso ou da interação. Para o autor, a primeira se refere a processos de decisão mais igualitários (na esfera democrática, mas também nos circuitos midiáticos), enquanto os demais são apenas condições para que isso aconteça. Olhando especificamente para a mídia e para o jornalismo, o acesso refere-se à possibilidade de usar tecnologias pelas quais se possa receber conteúdo midiático, ou mesmo ao oferecimento desse conteúdo pela mídia, ou ainda à existência de canais em que o leitor possa falar o que pensa sobre a produção por ele encontrada. Há aqui a ideia de “presença” ou de “existência”. Quanto à interação, são “relações sociocomunicativas com a esfera midiática” (Carpentier, 2012, p. 174¹⁹), que podem ser a interpretação pelo público do conteúdo recebido (entendido, segundo Carpentier, de modo complexo, tal como defendem os estudos de recepção), a interação de “audiência para audiência” no consumo desse conteúdo (como no caso analisado neste trabalho), ou a produção compartilhada desse material, em circuitos institucionais bem definidos, entre as organizações midiáticas e o público. Já a participação deve ser compreendida de forma estrutural, em processos nos quais todos possam interferir na criação de conteúdo e no desenvolvimento e aplicação de políticas públicas que envolvam a comunicação. O autor ainda chama a atenção para o fato de que, ainda que esse nível máximo de participação esteja longe de ser traduzido na prática cotidiana, é preciso compreender que as lutas sociais têm feito que algum estágio participativo possa ser atingido.

A repercussão da foto de Landau nas redes sociais parece ser um exemplo dessa luta social, já que foi a reação pública alcançada que motivou a publicação do texto sobre o fato pelo jornal, num caso em que o leitor conseguiu, de algum modo, interferir na criação do conteúdo midiático. No entanto, não se notam, nas mensagens analisadas, respostas do órgão publicador a seus leitores, o que não é exclusivo do jornal de origem espanhola, mas já foi mostrado em trabalhos que analisaram comentários relacionados à imprensa inglesa (Graham, 2013) e à brasileira (Caminada, 2015), ressaltando a inexistência de estrutura nas redações para fazer esse acompanhamento. Porém, isso não significa que essa interação, para usar o termo proposto por Carpentier, não possa interferir no ciclo da produção-recepção jornalística, estudado neste artigo: “[...] essas vozes que competem são colocadas num contexto de debate público, produzindo um tipo de informação mais deliberativa do que alguém iria receber na leitura solitária do artigo jornalístico. É esse tipo de informação deliberativa que é crucial para a esfera pública” (Graham, 2013, p. 123²⁰).

Nos comentários analisados neste trabalho, há uma intensa troca de mensagens entre os comentaristas, reverberando o que afirma Graham. Assim, na internet, essa relação entre o jornal, a jornalista espanhola María Martín e os leitores – que tentam interagir por meio de comentários não só com ela, mas também entre eles – potencializa o processo de significação aqui analisado. Ele pode, inclusive, ser feito em várias temporalidades: há pessoas que comentam um texto imediatamente após sua publicação e há outras que terão acesso ao texto depois, podendo comentá-lo a qualquer momento. É nesse contexto que será feita a análise dos comentários, a partir do conceito de formação discursiva, sobre o qual falaremos mais a seguir.

5 O menino negro e as formações discursivas

Partindo da proposta de Benetti (2007) de que a AD é especialmente produtiva para dois tipos de estudos no jornalismo – mapeamento de vozes e identificação de sentidos –, a análise que apresentaremos se serve da AD para perceber sentidos de discursos que estão presentes nos textos – no caso, os comentários dos leitores sobre os dois textos do *El País* já apresentados. Como já citado, cabe ao analista perceber que existe uma camada visível (o texto) e outra camada discursiva, determinada histórica e ideologicamente,

e que só pode ser percebida por meio da análise. Para chegar a essa camada discursiva, no entanto, é preciso compreender o conceito de formação discursiva (FD).

Um dos primeiros a se debruçar sobre o conceito de FD foi Foucault (1995²¹), dizendo que ela se estabelece a partir de determinadas regularidades, do tipo ordem, correlação, funcionamento e transformação. As regras de formação determinam condições de existência, coexistência, modificações e desaparecimento de uma repartição discursiva dada. Para o autor, uma FD “coloca o princípio de articulação entre uma série de acontecimentos discursivos e outras séries de acontecimentos, transformações, mutações e processos. Não se trata de uma forma intemporal, mas de um esquema de correspondência entre diversas séries temporais” (Foucault, 1995, p. 82). O discurso, então, é constituído por um conjunto de enunciados que provém do mesmo sistema de FD. Um enunciado pertence a uma FD como uma frase pertence a um texto.

Pêcheux e Fuchs (1993) tomam a noção de FD concebida por Foucault, mas a redimensionam de acordo com os princípios da AD, relacionando-a e submetendo-a à ideologia. Num primeiro momento da análise do discurso, Pêcheux propunha que uma FD fosse “[...] um *corpus* fechado de *sequências discursivas*, selecionadas [...], num espaço discursivo [...] dominado por condições de produção estáveis e homogêneas” (Pêcheux, 1993, p. 312). Nesse caso, a análise discursiva limitava-se a construir “sítios de identidades parafrásticas intersequenciais”. Numa segunda fase, Pêcheux começa a enxergar a noção de FD de outra forma, relacionando-a com as noções de sentido e de sujeito do discurso como abertas, mutáveis. Pêcheux, então, passa a conceber que o sentido decorre das relações que os elementos linguísticos mantêm com outros elementos pertencentes à mesma FD; logo, ela passa a ser entendida de outra forma. Pêcheux (1993, p. 314) conclui que “[...] uma FD não é um espaço estrutural fechado, pois é constitutivamente ‘invadida’ por elementos que vêm de outro lugar (isto é, de outras FDs) [...]”.

Dessa forma, compreende-se que as palavras mudam de sentido de acordo com as posições sustentadas por aqueles que a empregam. Pêcheux (1995, p. 160) define como formação discursiva “aquilo que, numa formação ideológica dada, isto é, a partir de uma posição dada numa conjuntura dada, pelo estado de luta de classes, determina o que pode e deve ser dito”. O sentido se constitui, então, “a partir das relações que as diferentes

expressões mantêm entre si, no interior de cada FD, a qual, por sua vez, está determinada pela formação ideológica (FI) de que provém” (Indursky, 1997, p. 32).

Para Orlandi (1996), do ponto de vista da análise do discurso, a mera repetição (paráfrase) já significa diferentemente, pois introduz uma modificação no processo discursivo. Quando alguém diz a mesma coisa duas vezes, há um efeito de sentido diferente a cada realização, pois se trata de dois acontecimentos diferentes. Ao mesmo tempo, duas palavras diferentes podem reafirmar um mesmo sentido. O que vai determinar os processos discursivos será a FD na qual o sujeito falante se insere. O sentido de um enunciado sempre pode deslizar e tornar-se outro, de acordo com a formação discursiva à qual está relacionado, e as palavras, expressões ou proposições irão mudar de sentido ao passar de uma FD para outra. Por outro lado, palavras literalmente diferentes podem ter sentidos semelhantes se estiverem dentro de uma mesma FD. Isso significa que a AD não acredita em sentido literal. Indursky (1997) diz que a FD é o lugar da constituição do sentido.

Na prática, para analisar um texto, é preciso primeiro identificar as FDs nele presentes. “Consideramos que uma FD é uma espécie de *região de sentidos*, circunscrita por um limite interpretativo que exclui o que invalidaria aquele sentido – este segundo sentido, por sua vez, constituiria uma segunda FD” (Benetti, 2007, p. 112). O trabalho do analista é identificar e reunir trechos do texto – chamados de sequências discursivas – em torno de sentidos nucleares. Cada um desses núcleos de sentido forma uma FD. “Assim, existem tantas formações discursivas quantos sentidos nucleares pudermos encontrar em um texto” (Benetti, 2007, p. 112).

No caso deste estudo, consideramos todos os comentários publicados pelos leitores nas duas reportagens já apresentadas do *El País* como textos produzidos por diferentes enunciadorees. Consideramos tanto comentários originais quanto respostas aos comentários, que estabelecem uma interação entre os leitores. Posteriormente, identificamos entre esses comentários sequências discursivas em torno de sentidos nucleares, identificando, então, as formações discursivas ali presentes. Benetti (2007, p. 113) explica que o analista localiza “[...] marcas discursivas do sentido rastreado, ressaltando as que o representam de modo mais significativo”. São as repetições de sentidos, ou seja, as paráfrases, que irão ser descobertas pelo analista e que possibilitarão a identificação das FDs.

Como já dissemos, o primeiro texto do *El País* teve 749 comentários. No segundo texto, houve 182 comentários. No total, portanto, foram 931 comentários. Entre eles, encontramos 498 sequências discursivas relativas ao primeiro texto e 105 relativas ao segundo texto. Foram desconsiderados os comentários que não carregavam um sentido relacionado diretamente aos textos do *El País*, nem à foto (como marcações de nomes de outras pessoas, *emojis*, *links* etc.), ou que não eram compreensíveis (como ironias incompreensíveis, xingamentos incompreensíveis etc.). A coleta das postagens foi feita por meio da ferramenta OpsSocial Extractor²², ordenando as publicações por ordem cronológica.

Nesse processo, identificamos 23 formações discursivas. Muitas se repetem nos dois textos. Outras não. Agrupamos essas FDs em cinco eixos temáticos principais: 1) Social e racial; 2) Político; 3) A foto; 4) O texto; e 5) O menino. No quadro abaixo, apresentamos as FDs identificadas e a quantidade de sequências discursivas (SDs) encontradas em cada FD. É importante destacar que uma SD pode pertencer a mais de uma FD.

Tabela 1 – Sequências discursivas encontradas nas formações discursivas

Eixos	FDs	SDs Texto 1	SDs Texto 2	Sentidos das FDs
1-Social e racial	FD1 – Representação da desigualdade social	61	23	A foto representa a desigualdade social no Brasil; existe desigualdade social no Brasil
	FD2 – Representação da desigualdade racial	32	0	A foto representa a desigualdade racial no Brasil; existe desigualdade racial no Brasil
	FD3 – Interpretação preconceituosa	51	4	A interpretação da foto é racista; existe um racismo estrutural no Brasil; negros são estigmatizados
	FD4 – Oportunismo racial	8	2	Não existe racismo no Brasil; tudo é considerado racismo; negros estão sendo oportunistas; existe racismo contra os brancos

2-Político	FD5 – Contra a esquerda	19	1	A culpa é da esquerda; a culpa é do Lula; a culpa é do PT; Venezuela é um mau exemplo; Cuba é um mau exemplo
	FD6 – Contra a direita	27	0	A culpa é da direita; Lula foi um bom presidente; a esquerda não tem culpa; Venezuela é bom exemplo
	FD7 – Contra políticos	9	0	Políticos são corruptos; existe corrupção no Brasil; Temer é um mau presidente
	FD8 – Contra a polêmica	23	0	Tudo vira polêmica; tudo é polarizado; não se deve polemizar; não se deve polarizar
3-A Foto	FD9 – Desonestidade	22	0	A foto é desonesta; a foto foi montada; a foto foi combinada; o fotógrafo é desonesto; fotógrafo agiu de má-fé
	FD10 – Defesa do fotógrafo	16	4	É um ótimo fotógrafo; fotógrafo não agiu de má-fé; fotógrafo cumpriu sua função; fotógrafo estava só trabalhando; fotógrafo não violou o ECA
	FD11 – Contra a comercialização	4	16	Fotógrafo vendeu a foto; a foto não pode ser comercializada; fotógrafo está lucrando com a imagem do menino
	FD12 – Violação do direito de imagem	30	18	Fotógrafo violou o direito de imagem do menino; fotógrafo violou o ECA; fotógrafo não pediu autorização da família do menino
	FD13 – Beleza	63	13	A foto é bonita; foto é arte; a foto é poética; a foto cumpre com sua função

4-O texto	FD14 – Texto ruim	13	3	O texto é ruim; <i>El País</i> é uma publicação ruim; <i>El País</i> é tendencioso; a mídia não cumpre sua função
	FD15 – Texto bom	22	1	O texto é bom; <i>El País</i> é uma boa publicação
5-O menino	FD16 – Dúvida sobre a origem do menino	16	0	Não se sabe quem é o menino; não se sabe de onde é o menino; não se sabe sobre a família do menino
	FD17 – Riqueza	6	0	Menino é rico; a família do menino é rica; a família gosta do menino
	FD18 – Pobreza	5	0	Menino é pobre; deboche sobre o menino ser rico
	FD19 – Negligência familiar	13	1	Menino está sozinho; a família não cuida do menino; menino está triste; menino está desprotegido
	FD20 – É só uma criança	58	1	Ele é só uma criança; crianças gostam dos fogos; menino só está encantado com os fogos; crianças são ingênuas, puras, inocentes
	FD21 – Culpabilização da mãe	0	7	A culpa é da mãe; a mãe não cuidou do menino
	FD22 – Defesa da mãe	0	10	A mãe não é culpada
	FD23 – Culpabilização do pai	0	1	O pai é culpado
Total de SDs		498	105	

Fonte: Elaboração própria.

6 Os sentidos dos comentários sobre o “menino negro da foto”

Nos comentários sobre o primeiro texto, nota-se o predomínio de SDs em FDs de três eixos temáticos: o que aborda a desigualdade social e racial no país (Eixo 1), o que fala de aspectos intrínsecos à foto (Eixo 3); e o que tece considerações sobre o menino (Eixo 5). No primeiro deles (Eixo 1), sobressaem as SDs que afirmam que a imagem é amostra dos problemas sociais brasileiros (FD1) – mais do que as que dizem que a fotografia retrata o racismo presente na sociedade brasileira (FD2) – e as SDs que, contrariamente a isso, dizem que a leitura da foto nesse sentido é enviesada pela estigmatização do negro no país, que o marcaria sempre como alguém marginalizado (FD3). São poucas as SDs que negam o racismo no Brasil (FD4).

São exemplos do primeiro eixo temático as seguintes SDs (foram mantidos os textos originais) – lembrando que algumas delas fazem parte também de outras FDs, pois cada SD pode conter mais de um sentido. Por isso os sentidos relacionados às FDs do primeiro eixo temático estão abaixo grifados nas SDs:

Fia, tu nem leu a matéria. **A crítica é em relação ao sistema, essa foto foi apenas mais um exemplo disso. O amor que a família dele sente por ele, não vai fazer com que a segregação social e racial acabe no Brasil.** (FD1 e FD2, resposta a comentário, 2 jan. 2018, grifos nossos).

É o Brasil da indiferença, da desigualdade, da concentração de renda, dos privilégios... esse é o retrato do Brasil (FD1, comentário, 2 jan. 2018, grifos nossos).

Falemos sério. Se **fosse um menino minimamente assistido**, seus pais já teriam aparecido na TV e estariam espinafrando o fotógrafo que divulgou uma imagem potencialmente invasiva, que pode gerar consequências negativas de toda ordem pela indevida exposição. **Obviamente é um menino pobre**, sozinho em local público altas horas da noite, possivelmente com fome, **enquanto famílias bem estruturadas e amigos com algum poder aquisitivo festejam. Não douremos demais a pílula**, nem tentemos aplacar artificialmente nossas culpas. (FD1, comentário, 2 jan. 2018, grifos nossos).

“A foto de um menino negro que fala de como vemos um menino negro” Q porra racista é essa? Eu so vi uma criança na praia assistindo os fogos. Esse é o serviço q essa mídia presta. Nivelando todo mundo por baixo. **Racistas nojentos.** Militância de redação COVARDE! (FD3, comentário, 2 jan. 2018, grifos nossos).

Imagine uma criança branca sozinha na agua! Acha mesmo que ninguem iria estar ajudando achar os pais! La em Santos criança sozinha galera bate palma! Ele estava invisível ali. O que me vem a cabeça é que todos ali acham que ele estava sozinho pq era sozinho. Eu. nao o vejo como criança de rua, e o texto é muito bom, **as vezes o racismo**

esta enraizado em nossa mente e precisamos perceber isso em nos para quebrarmos o ciclo... (FD3, comentário, 2 jan. 2018, grifos nossos).

Segundo a vizinha do menino, ele é um garoto muito amado pelos pais, que estuda em boa escola e os pais estavam desesperados procurando por ele, que havia saído de perto sem que ninguém visse. **E você é um racista de esquerda, por considerar que toda criança negra, necessariamente, tem que ser pobre e abandonada.** (FD3, resposta a comentário, 2 jan. 2018, grifos nossos).

Esse negócio de racismo já esta dando nojo tudo agora é racismo ou preconceito. (FD4, resposta a comentário, 2 jan. 2018, grifos nossos).

No terceiro eixo temático, que trata sobre a foto em si, as SDs mais presentes reiteram a capacidade da fotografia de gerar múltiplas leituras, a partir uma composição esteticamente bela (FD13). No entanto, os comentários parecem relativizar a discussão gerada, em nome do interesse estético da imagem, como se esse valor devesse ser superior às interpretações:

Qual a dificuldade da galera entender que **fotografia é arte, é pra ser interpretada da maneira que vc bem entender. A fotografia é simbólica sim, é a ideia é não saber qual foi a ideia do artista ao tirar.** (FD13, resposta a comentário, 2 jan. 2018, grifos nossos).

Exatamente. **Uma bela foto** de um menino admirado, talvez, com os fogos de artifício. Também só vejo isso. Mas, como o sábio aí em cima disse, deve ser cegueira mesmo. rrsrs. (FD13, resposta a comentário, 2 jan. 2018, grifos nossos).

Essa foto de uma beleza inenarrável, a mim mostra o fascínio que os outro ignoram. Quanto a todo debate, pra que isso é apenas arte. Pensei só em um menino vendo um espetáculo. (FD13, comentário, 3 jan. 2018, grifos nossos).

No quinto eixo temático, relacionado ao menino, aparecem, sobretudo, SDs que advogam a ideia de que a imagem representa a “inocência” e o encantamento que marcariam a infância (FD20), como mostram as SDs abaixo:

Qd vi a foto só vi **um menino encantado com os fogos.** (FD20, resposta a comentário, 2 jan. 2018, grifos nossos).

Não pensei nesse sentido **vi uma pureza no olhar... Um encanto da infância** diante dos fogos de ano novo. Estigma realmente é uma droga e entendo o q vc falou. (FD20, resposta a comentário, 2 jan. 2018, grifos nossos).

Falta do que fazer. **Um menino olhando provavelmente a queima de fogos. O resto é conversa pra boi dormir.** (FD20, resposta a comentário, 2 jan. 2018, grifos nossos).

Esses sentidos identificados mostram, em primeiro lugar, a mesma discussão das redes sociais abordada pelo texto do *El País*: a reportagem fala tanto das interpretações referentes à desigualdade social e ao racismo quanto à capacidade de uma fotografia despertar debates. Mas essas interpretações lembram também análise feita por Ponte & Afonso (2009, p. 43) ao estudarem como as crianças são apresentadas na imprensa portuguesa. Para as autoras, uma das representações que mais aparecem é a que elas chamam de “criança maltratada”, “associada a famílias disfuncionais e a ambientes de pobreza social”, ou o que elas chamam de “os filhos dos outros”, remetendo a uma vinculação dos jornais lusos às classes médias, tidas como seu público leitor. Nesse sentido, Dubinsky (2012), ao mostrar como representações imagéticas da infância vêm sendo usadas por movimentos sociais, estados nacionais ou partidos políticos para despertar empatia às suas lutas, fala que a debilidade é um dos aspectos que dão forma ao “ser criança” da contemporaneidade (ou seja, a atual concepção social de infância):

Se é verdade que as crianças simbolizam o sentimental, a esperança comum de humanidade abstraída de problemas sociais criados pelos adultos, isso é por causa da concepção particular da “infância” atualmente dominante. Muitos historiadores documentaram como a infância no Ocidente tem sido, durante aproximadamente dois séculos, constituída como essencialmente vulnerável. (Dubinsky, 2012, pp. 10 – 11²³).

Ou seja, as FDs identificadas a partir dos comentários reproduzem o modo como a imprensa costuma trazer as representações da infância, tanto verbal quanto imageticamente (para além das representações acionadas pelo *El País*), o que indica, como mostra Foucault, a força das “vontades de verdade” dos discursos trazidos pelo jornalismo, ainda que certos comentários (apenas 13 SDs) façam críticas ao modo como o jornal cobriu o fato, como mostra o Eixo 4 referente ao texto 1.

Quem entende o mínimo de fotografia concordará: Ninguém sabe quem é o menino na verdade. E nem qual o contexto da foto. (bela, por sinal) Fora isso, a foto só me diz que um menino que silenciou fascinado em um ângulo melhor que os adultos gritando e se abraçando. Até lá não diz mais do que isso. E porque nós negros, estamos sempre sendo vistos dessa maneira? **Estigmatizando a imagem está a autora do artigo.** Desculpe (FD14, comentário, 2 jan. 2018, grifos nossos).

***El País*, como extrema esquerda que é, adora criar uma luta de classes...** Avança Brasil rumo ao liberalismo e livra-te da vermelhidão! (FD14, comentário, 3 jan. 2018, grifos nossos)

Portanto, para os leitores, os sentidos mais evidentes que surgem em relação ao menino são o da inocência e pureza (FD20 com 58 SDs no texto1) e o da desproteção e abandono (FD19 com 13 SDs no texto 1). Ou seja, a criança aparece predominantemente como um ser frágil. No entanto, parece positivo que, em relação ao primeiro texto, pelo menos 16 SDs tratem da dúvida sobre a origem do menino (FD16), no sentido de valorizar a ideia de que saber quem é ele é algo importante e significativo. Mas, se observarmos as SDs da FD16 com atenção, veremos que a maioria fala da dúvida de quem é o menino não com um interesse genuíno sobre ele – como parece ter o fotógrafo ao pedir ajuda aos leitores para encontrá-lo –, mas sim para “ganhar uma discussão” estabelecida com outros leitores, ou seja, com sentidos muito mais relacionados aos eixos social e racial, ou político. As SDs a seguir exemplificam isso:

Desejo que esse garoto tenha uma família maravilhosa e seja ótimo aluno. Vai calar a boca de muita gente. (FD16, resposta a comentário, 3 jan. 2018, grifos nossos).

Será que é um daqueles pivetes que habitam Copacabana? Uma foto é um momento estático! é, muitas vezes, uma meia verdade! (FD16, comentário, 3 jan. 2018, grifos nossos).

Nos comentários do segundo texto, várias FDs desaparecem. O debate político perde força, e a dúvida sobre a origem do menino deixa de existir, pois a reportagem trata justamente de sobre quem ele é. Com essa resposta, a FD1, da representação da desigualdade social no Eixo 1, continua em destaque, com 23 SDs, mas, proporcionalmente, surge com mais relevância o eixo que aborda “a foto”, por meio das FDs que envolvem objeções à comercialização da foto ou levantam a violação do direito de imagem da criança (FD11, com 16 SDs, e FD12, com 18 SDs). Assim como no primeiro caso, os sentidos se aproximam do cenário trazido pelo texto do *El País*: “[A mãe] Acreditava que o fotógrafo estava comercializando a imagem sem seu consentimento, algo que Landau sempre negou. A polícia, de fato, não identificou nenhum crime, não haverá investigação e a denúncia ficou resumida a apenas um registro”, diz o jornal.

Vejamos alguns exemplos de SDs que demonstram as FDs encontradas nesse sentido:

Exposição de criança e venda de imagem alheia sem autorização é crime. Então culpa ele tem sim! (FD 11 e FD12, resposta a comentário, 11 jan. 2018, grifos nossos).

Vai ser como aquela foto da National Geographic, tirada pelo fotógrafo Steve McCurry, da menina afegã Sharbat Gula, ele recebeu os prêmios e **a fotografada foi totalmente esquecida.** Aparecendo somente anos depois, como uma mulher com o rosto sofrido, fugindo de país para país. (FD12, comentário, 10 jan. 2018, grifos nossos).

Pensei a mesma coisa. **Ele por acaso “doou” a foto aos jornais? Acho que não né.** (FD11, Resposta a comentário, 10 jan. 2018, grifos nossos).

Lei é lei e o Eca²⁴ dispõe sobre a preservação da imagem da criança. O fotógrafo e a agência devem ter entrado em acordo e pago a mãe pelo direito do uso da imagem. (FD11 e FD12, resposta a comentário, 10 jan. 2018, grifos nossos).

Interessante notar ainda que permanece com algum destaque a FD13 (com 13 SDs), que ressalta a beleza da foto e as múltiplas leituras que ela proporciona no Eixo 3, enquanto a FD20, do Eixo 5, que envolve a inocência e a pureza da criança, dá lugar a outras, sendo uma delas a que traz a culpabilização específica da mãe do menino (FD21, com 7 SDs). Nota-se, no entanto, que a FD21 também carrega consigo o sentido de fragilidade da criança, que, pobre e negligenciada pela mãe, aparece como um ser desprotegido.

Além disso, a culpabilização da mãe acaba provocando uma reação de pessoas que a defendem (FD22, com 10 SDs), trazendo para os comentários um novo debate social bastante forte hoje de defesa da mulher e do feminismo. A FD21 e a FD22 podem ser exemplificadas nas SDs seguintes:

Me pondo no lugar dessa mãe ... Aff nem vou falar o que quero, porque receberei várias lições de moral mas **posso dizer que tem haver com a falta de planejamento familiar. Aff... Cada realidade que não deveria ser uma realidade aceita com normalidade!!!** (FD21, resposta a comentário, 11 jan. 2018, grifos nossos).

Isso mesmo, mas o fotógrafo não pode ser acusado de crime a criança e ao adolescente não e **quem deveria ser era a própria mãe, até porque ele estava sozinho no local e não acompanhado** (FD21, resposta a comentário, 11 jan. 2018, grifos nossos).

Engraçado que você não se interessou em saber a respeito do pai do menino. A culpa já foi facinho pra mãe. Toma vergonha na cara! (FD22, resposta a comentário, 10 jan. 2018, grifos nossos).

7 Considerações finais

Após a análise das SDs nos comentários coletados na página do *Facebook* do *El País*, percebe-se que, entre todas as postagens, duas (relacionadas ao primeiro texto) se destacam, chamando a nossa atenção:

Alguém lembrou de perguntar quem é o menino e o que ele avalia sobre essa imagem?

Pode ser tudo o que está escrito no texto, como pode não ser nada disso.

Mil conjecturas e ninguém pergunta nada ao personagem principal...

Seria exatamente essa a intenção do fotógrafo? (FD16, comentário, 2 jan. 2018, grifos nossos).

Uma foto, correndo o mundo, todos podem visualizá-la, mas **ninguém conhece o garoto. Por que será?** (FD16, resposta a comentário, 3 jan. 2018, grifos nossos).

Ou seja, somente essas duas, entre tantas SDs, dão realmente importância a quem é o menino de verdade e ao que ele pensa sobre o acontecimento, tirando-o apenas da posição de fragilidade (aspecto muito atrelado à concepção contemporânea de infância), e dando a ele um status de ser humano com sentimentos e opinião. Entre as FDs identificadas, não notamos a preocupação com o bem-estar do menino retratado, com as várias facetas de sua história de vida, com seus direitos de brincar, de estudar e de gozar de proteção do Estado. A criança vira apenas o “menino negro da foto”, tanto na representação do jornal (como o título da reportagem já diz) quanto nos comentários postados, deixando evidentes sentidos não relacionados diretamente a ele: é o garoto que serve de “palco” para discussões políticas ou partidárias, sobre feminismo, para comentários sobre a estética e sobre a fotografia, para críticas à publicação jornalística ou então para reforço dos estereótipos ligados à infância, de forma geral, ou àquela ligada ao ser negro e pobre.

Cabe destacar que os sentidos são sempre determinados por configurações ideológicas (Benetti, 2007). Portanto, as formações discursivas encontradas nos textos dos comentários estão relacionadas a formações ideológicas. Cada um dos sentidos identificados representa ideologias que possibilitam esses dizeres, alguns deles até mesmo opostos, sobre duas reportagens provocadas por uma mesma imagem. Logo, as discussões, as interpretações e os imaginários que aparecem nos comentários estão diretamente

relacionados com as configurações ideológicas presentes no Brasil atual, que incluem também a concepção contemporânea da infância.

Ainda que tenha havido certo esforço da publicação para entender a história do menino no segundo texto (sem deixar de abordar as discussões sociais geradas pelo fato), não se percebe mudança significativa nas SDs encontradas nos comentários dessa reportagem em relação às que estão presentes nas postagens referentes à primeira publicação. Nos dois casos, o menino que vive, estuda, brinca e ajuda a mãe a conseguir o sustento perde essas camadas, relacionadas à concretude de sua vida, para servir como motivação para outros debates. Ou seja, um menino que “é”, não que “representa”. A importância das discussões sociopolíticas geradas pelo caso não é discutida neste texto, mas sim a supressão da singularidade da criança, e sua redução a apenas uma “imagem-estandarte”, que representa outras lutas. Ou, como diz Dubinsky (2012, p. 12), “representações visuais de crianças raramente são retratos literais de crianças reais, mas podem ser ferramentas valiosas para entender toda a gama de histórias de diferentes tipos de infância em momentos diferentes”.

NOTAS

- 1 Uma primeira versão deste trabalho foi apresentada ao Grupo de Trabalho Recepção: processos de interpretação, uso e consumo midiáticos do XXVII Encontro Anual da Compós, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte – MG, 5 a 8 de junho de 2018.
- 2 G1 Rio. (2017, Dezembro 31). Copacabana se prepara para receber 3 milhões neste reveillon. *G1*. Recuperado de <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/copacabana-se-prepara-para-receber-3-milhoes-neste-reveillon.ghtm>.
- 3 UOL. (2017, Dezembro 30). Anitta dá conselho de como não ser assaltado no Réveillon de Copacabana. *UOL*. Recuperado de tvefamosos.uol.com.br/noticias/redacao/2017/12/30/anitta-da-conselho-de-como-nao-ser-assaltado-no-reveillon-de-copacabana.htm.
- 4 Azevedo, E. (2017, Dezembro 31). Previsão é de céu limpo na virada em Copacabana. *O Globo*. Recuperado de oglobo.globo.com/rio/previsao-de-ceu-limpo-na-virada-em-copacabana-22243354.

- 5 Recuperado de www.facebook.com/lucaslandau/posts/10215003728268819?pnref=story.
- 6 Dados em 26 jan. 2018.
- 7 Foi mantida a grafia original.
- 8 Correio Braziliense. (2018, Janeiro 3). Fotografia de menino no réveillon de Copacabana viraliza nas redes sociais. *Correio Braziliense*. Recuperado de www.correio braziliense.com.br/app/noticia/brasil/2018/01/03/interna-brasil,651081/fotografia-de-menino-no-reveillon-de-copacabana-viraliza-nas-redes-soc.shtml.
- 9 Bezerra, M. (2018, Janeiro 2). Fotógrafo que retratou criança no Réveillon de Copacabana está à procura do menino. *UOL*. Recuperado de noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2018/01/02/fotografo-que-retratou-crianca-no-reveillon-de-copacabana-busca-o-menino.htm.
- 10 Fonseca, J. P. (2018, Janeiro 4). Sobre a fotografia de um menino em Copacabana. *Exame*. Recuperado de exame.abril.com.br/blog/joel-pinheiro-da-fonseca/sobre-a-fotografia-de-um-menino-em-copacabana/.
- 11 Kaiser, A. J. (2018, Janeiro 3). The New Year's Eve photo that shook Brazil. *The Washington Post*. Recuperado de www.washingtonpost.com/news/worldviews/wp/2018/01/03/the-new-years-eve-photo-that-shook-brazil/?utm_term=.4dbd01e563b1.
- 12 Jornal diário fundado na Espanha em 1976, com a maior tiragem da Espanha e linha editorial próxima ao progressismo liberal (brasil.elpais.com/brasil/2017/02/22/opinion/1487788532_309244.html). A versão brasileira surgiu em novembro de 2013.
- 13 Martín, M. (2018, Janeiro 3). A foto do menino negro que fala de como vemos um menino negro. *El País*. Recuperado de brasil.elpais.com/brasil/2018/01/02/politica/1514924485_498274.html.
- 14 Martín, M. (2018, Janeiro 20). A história por trás da foto do menino negro de Copacabana. *El País*. Recuperado de brasil.elpais.com/brasil/2018/01/10/politica/1515601877_904004.html. Nota-se que a publicação do site traz a data de 11 de janeiro, mas o link atesta o dia 10 (“2018/01/10/”), assim como a publicação da reportagem no Facebook no *El País*, que ocorreu em 10 de janeiro, às 18h20.

- 15 Recuperado de www.facebook.com/elpaisbrasil/posts/1661865037206773. Acesso em 28 jan. 2018. Apesar de o *post* no Facebook ter ocorrido no dia 2, a publicação da reportagem no site do jornal data do dia 3; o texto pode ter sido alterado nesse dia, e o sistema registrou a última alteração como a data final.
- 16 Recuperado de www.facebook.com/elpaisbrasil/posts/1671111376282139.
- 17 Originalmente em 1970.
- 18 Ver revisão feita por Doretto e Furtado (2017).
- 19 No original: “sociocommunicative relationships within the media sphere”.
- 20 No original: “these competing voices were set within the context of public debate, producing a more deliberative type of information than one would typically receive from reading the news article alone. It is this type of deliberative information which is crucial to the public sphere”.
- 21 Originalmente em 1969.
- 22 Disponível em: opsocial.com.br.
- 23 No original: “If it is true that children symbolize the sentimental, the common hope of humanity abstracted from adult-created social problems, this is because of the particular conception of “childhood” currently dominant. Many historians have documented how childhood in the West has been, for approximately two centuries, constituted as essentially vulnerable”.
- 24 O Estatuto da Criança e do Adolescente (Lei 8.069) diz, em seu Artigo 17, que “o direito ao respeito consiste na inviolabilidade da integridade física, psíquica e moral da criança e do adolescente, abrangendo a preservação da imagem, da identidade, da autonomia, dos valores, ideias e crenças, dos espaços e objetos pessoais”.

REFERÊNCIAS

- Benetti, M. (2007). Análise do discurso em jornalismo: estudo de vozes e sentidos. In: C. Lago & M. Benetti, Marcia (Orgs.), *Metodologia de pesquisa em jornalismo* (pp. 107-122). Petrópolis: Vozes.
- Berger, C. (1996). Em torno do discurso jornalístico. In: A. Fausto Neto, M. Pinto (Orgs.), *O indivíduo e as mídias* (pp. 188 – 193). Rio de Janeiro: Diadorim.
- Buckingham, D. (2000). *Crescer na era das mídias eletrônicas*. São Paulo: Edições Loyola.
- Caminada, T. (2015). *Erro jornalístico nos comentários das redes sociais: interações entre leitores e veículos* (Dissertação de Mestrado). Centro de Comunicação e Expressão da Universidade Federal de Santa Catarina, Programa de Pós-Graduação em Jornalismo, Florianópolis, SC, Brasil.
- Carpentier, N. (2012). The concept of participation. If they have access and interact, do they really participate? *Fronteiras – estudos midiáticos*, 14 (2), pp. 164-177. Recuperado de revistas.unisinos.br/index.php/fronteiras/article/download/fem.2012.142.10/1001.
- Doretto, J. (2018). A participação das crianças no jornalismo infanto juvenil português e brasileiro. *Famecos*, 25 (1), ID27327-26. <http://dx.doi.org/10.15448/1980-3729.2018.1.27327>.
- Doretto, J. & Costa, R. (2012). C. O mundo da infância e a infância no mundo: vozes de crianças nas revistas brasileiras *Veja* e *Época*. *Rumores* (USP), 6 (2), pp. 146 – 169. <https://doi.org/10.11606/issn.1982-677X.rum.2012.55298>.
- Doretto, J.; Furtado, T. (2017) A “invasão” das crianças no discurso jornalístico: a representação não desejada da infância. *Anais do 15º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo*, São Paulo, Brasil. Recuperado de www.e-compos.org.br/e-compos/article/viewFile/1471/1037.
- Dubinsky, K. (2012). Children, Ideology, and Iconography: How Babies Rule the World. *The Journal of the History of Childhood and Youth*, 5 (1), pp. 5-13. DOI: 10.1353/hcy.2012.0009.
- Escosteguy, A. C. D. (2009, jan./abr.). Quando a recepção já não alcança: os sentidos circulam entre a produção e a recepção. *E-Compós: Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação*, 12 (1). Recuperado de www.compos.org.br/seer/index.php/e-compos/article/viewFile/348/318.

Figaro, R. & Grohmann, R. (2017). A recepção serve para pensar: um “lugar” de embates. *Palavra Chave*, 20 (1), pp. 142 – 161. DOI: 10.5294/pacla.2017.20.1.7.

Foucault, M. (1996). *A ordem do discurso*. São Paulo: Loyola.

Foucault, M. (1995). *Arqueologia do saber* (4ª ed.). Rio de Janeiro: Forense Universitária.

Furtado, T. H. (2013). *O jornalismo infantil e o desejo de consumo: o discurso da revista Recreio*. (Tese de Doutorado). Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação, Porto Alegre, RS, Brasil.

Gomes, M. R. (2000). *Jornalismo e ciências da linguagem*. São Paulo: Hacker Editores/Edusp.

Graham, T. (2013). “Talking back, but is anyone listening? Journalism and comment fields”. In: C. Peters & M. Broersma (Orgs.), *Rethinking Journalism: Trust and participation in a transformed media landscape* (pp. 114-127). New York, N.Y: Routledge.

Indursky, F. (1997). *A fala dos quartéis e outras vozes*. Campinas: Ed. Unicamp.

Martín-Barbero, J. (2001). *Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia*. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ.

Orlandi, E. (2000). *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. Campinas: Pontes.

Orlandi, E. (1996). *Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico*. Petrópolis: Vozes.

Pêcheux, M. (1995). *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio* (2ª ed). Campinas: Ed. Unicamp

Pêcheux, M. (1993). A análise de discurso: três épocas (1983). In: F. Gadet & T. Hak (Orgs.), *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux* (pp. 311-319). Campinas: Ed. Unicamp.

Pêcheux, M. & Fuchs, C. (1993). A propósito da análise automática do discurso: atualização e perspectivas (1975). In: F. Gadet & T. Hak (Orgs.), *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux* (pp. 163-252). Campinas: Ed. Unicamp.

Ponte, C. & Afonso, B. (2009) Crianças e jovens em notícia: análise da cobertura jornalística em 2005. In: C. Ponte (Org.), *Crianças e jovens em notícia* (pp. 29-46). Lisboa: Livros Horizonte.

THAÍS FURTADO é doutora em Comunicação e Informação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul e professora adjunta do Departamento de Comunicação/Jornalismo da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. E-mail: thaisfurtado93@gmail.com

JULIANA DORETTO é doutora em Ciências da Comunicação pela Universidade Nova de Lisboa, na área de Estudo dos Media e do Jornalismo, e pesquisadora do MidiAto, Grupo de Estudos de Linguagem: Práticas Midiáticas, da Universidade de São Paulo. E-mail: jdoretto@gmail.com

RECEBIDO EM: 01/09/2018 | ACEITO EM: 12/12/2018